

Para a história da *Schopenhauer-Gesellschaft* no centenário da sua fundação¹

Domenico Fazio

Doutor em Filosofia pela Università degli Studi del Salento

Presidente do "Centro interdipartimentale di ricerca su Arthur Schopenhauer e la sua scuola",

Professor Ordinário de História da Filosofia na Università del Salento (Lecce, Itália)

E-mail: domenicofazio@gmail.com

RESUMO: A partir da importante obra lançada em 2010, *In lotta per Schopenhauer. La "Schopenhauer-Gesellschaft" fra ricerca filosofica e manipolazione ideologica (1911-1948)*, do professor Fabio Ciraci, o presente artigo tece breves considerações sobre um período determinante enfrentado pela *Schopenhauer-Gesellschaft*, cuja principal "luta" foi empregada no sentido de evitar o uso do pensamento schopenhaueriano para fins ideológicos por parte do fascismo e do nazismo, entre os anos 10 e 40 do século passado.

PALAVRAS-CHAVE: *Schopenhauer-Gesellschaft*, pesquisa filosófica, manipulação ideológica.

ABSTRACT: From the important work published in 2010 by teacher Fabio Ciraci *In lotta per Schopenhauer. La "Schopenhauer-Gesellschaft" fra ricerca filosofica e manipolazione ideologica (1911-1948)*, the present article weaved considerations about the decisive period faced by the *Schopenhauer-Gesellschaft*, whose "fight" principal was realized in the sense of avoid the use of Schopenhauer thinking for an ideological end for part of Nazi and of fascism between the years 10 and 40 of past century.

KEY-WORDS: *Schopenhauer-Gesellschaft*, philosophical research, ideological manipulation.

No dia 30 de Outubro de 2011 a *Schopenhauer-Gesellschaft*, fundada pelo filósofo e indólogo Paul Deussen, festejou cem anos de vida. À eminente instituição científica internacional, cuja gênese está ligada à «promoção do estudo e da compreensão da filosofia de Schopenhauer», e à fomentação e difusão do «espírito da pesquisa filosófica pura», como anuncia o manifesto publicado em ocasião da sua fundação, deve-se grande parte da *Schopenhauer-Forschung* internacional dos últimos cem anos. A *Schopenhauer-Gesellschaft*, de fato, dedicou-se principalmente à pesquisa e à reunião de todo o material relativos ao filósofo do *Mundo como vontade e como representação*, fundando em Kiel, no mesmo ano de 1911, o *Arquivo Schopenhauer*, cuja sede atualmente fica na biblioteca da Universidade de Frankfurt e conserva os manuscritos, as cartas do filósofo, os livros da sua biblioteca pessoal e todos os documentos e a *memorabilia* que

¹ Revisão técnica de Vilmar Debona, Doutorando em Filosofia pela USP, professor na PUCPR. E-mail: v.debona@usp.br.

dizem respeito à sua vida, personalidade e obra, tornando, dessa maneira, acessíveis aos estudiosos os documentos necessários para suas pesquisas.

Simultaneamente, a Sociedade Schopenhauer providenciou a organização e a edição crítica dos textos, realizando diretamente e promovendo indiretamente seis edições das *Obras* de Schopenhauer, organizadas respectivamente por Paul Deussen, por Arthur Hübscher e por Ludger Lütkehaus, e publicando duas edições dos escritos póstumos, duas edições do epistolário e a edição dos colóquios. De 1912 até hoje, organizou a realização de 90 volumes do «Schopenhauer-Jahrbuch», um anuário que foi divulgando ao longo dos anos os melhores resultados da pesquisa schopenhaueriana obtidos pelos estudiosos de todo o mundo, impondo-se graças à sua respeitabilidade e ao alto nível das contribuições acolhidas. Em 1981, publicou a *Schopenhauer-Bibliographie*, imprescindível instrumento de trabalho para todos aqueles que desenvolvem pesquisas sobre Schopenhauer e que anualmente é atualizada através do «Schopenhauer-Jahrbuch». Contou, entre seus membros, com a presença de prêmios Nobel, como Romain Rolland, filósofos da importância de Hans Vaihinger, Piero Marinetti, Martin Buber, Max Horkheimer e Norberto Bobbio, e escritores do valor de Theodor Lessing, Stefan Zweig e Italo Svevo. Organizou congressos científicos, promoveu encontros e seminários, instituiu prêmios, encorajou e fomentou o nascimento de inumeráveis centros de pesquisa em muitas nações e hoje conta com cinco seções: a norte-americana, a brasileira, a japonesa, a indiana e a italiana.

A ocorrência do centenário da fundação da Sociedade foi celebrada com a publicação de um volume de Andreas Hansert que narra a história: *Schopenhauer im 20. Jahrhundert. Geschichte der Schopenhauer-Gesellschaft*. Importante função complementar, em relação a este estimável trabalho, desempenha a contribuição de relevo fornecida por Fabio Ciracì, *In lotta per Schopenhauer. La «Schopenhauer-Gesellschaft» fra ricerca filosofica e manipolazione ideologica (1911-1948)*, que aprofunda uma temática tratada de maneira marginal por Hansert.

A pesquisa filosófica, de fato, como toda pesquisa, não pode ser considerada fora do contexto histórico no qual é realizada e, por isso, a *Schopenhauer-Gesellschaft* também foi obrigada a se defrontar com as sublevações e as tragédias que caracterizaram o que Eric Hobsbawm definiu como o «século breve», tendo que enfrentar as várias tentativas de

sujeitar o «espírito da pesquisa filosófica pura» dos seus fundadores às exigências da manipulação ideológica, às vezes nacionalista, outras vezes racistas ou até nazistas. É esta a «luta por Schopenhauer» que Ciraci reconstrói no seu trabalho, baseando-se numa documentação possante, em grande parte inédita: as Atas da Sociedade Schopenhauer, conservadas no *Arquivo Schopenhauer* de Frankfurt, as atas dos processos de desnazificação, conservadas no *Arquivo de Estado de Munique*, os documentos do ex-*Arquivo Nietzsche*, hoje conservados no *Arquivo Goethe-Schiller* de Weimar e muitos outros materiais. No que diz respeito aos documentos oficiais da *Schopenhauer-Gesellschaft*, o autor utiliza também a coleção do «Schopenhauer-Jahrbuch» sem deixar de corroborar a sua pesquisa com conteúdos especificamente filosóficos, valendo-se de todos os textos dos protagonistas envolvidos, maiores e menores. O resultado é um ensaio fascinante de história das ideias, realizado com uma metodologia rigorosíssima – de pesquisador de alto nível, ou melhor, de verdadeiro detetive, como se diz – riquíssimo em informações inéditas e em detalhes, livre de generalizações, sem nunca antecipar conclusões. Um ensaio, além do mais, escrito com um estilo arrebatador. Enfim, um daqueles raros livros que lemos com prazer esperando que não termine.

Os fatos narrados vão de 1911, ano da fundação da Sociedade Schopenhauer, a 1948, ano em que o Anuário volta a ser publicado, depois da interrupção devida à guerra e à catástrofe da Alemanha nazista. A partir do intercâmbio epistolar entre os protagonistas, Ciraci reconstrói, pela primeira vez e com riqueza de detalhes, as várias tentativas de sujeitar a uma utilização política o pensamento de Schopenhauer e as estratégias postas em prática pelos responsáveis da Sociedade Schopenhauer para defender as prerrogativas de autonomia e liberdade da pesquisa. Tudo tem início nos anos vinte, logo após a morte de Deussen, com uma tentativa de instrumentalização de Schopenhauer, filósofo cosmopolita e teórico da compaixão universal, por parte de um grupelho ultranacionalista e declaradamente antisemita de membros da *Schopenhauer-Gesellschaft*, liderados por uma senhora chamada Maria Groener, autora, em 1920, de um pequeno livro com um título eloquente: *Schopenhauer und die Juden*. O caso, que se conclui com a fundação, por parte da Sra. Groener e de seus sequazes, da dita *Neue Deutsche Schopenhauer-Gesellschaft* e com a consequente expulsão dos divisionistas da sociedade internacional fundada por

Deussen, representa somente a primeira tentativa de manipular Schopenhauer ideologicamente que obrigará a *Schopenhauer-Gesellschaft* se defender.

Com o aparecimento do nazismo, o então presidente da Sociedade Schopenhauer, o magistrado de ideias democráticas e socialistas Hans Zint, conhecido por ter se recusado a expor a bandeira com a cruz curva sobre o seu tribunal, tem que enfrentar as pressões do governo para que os sócios não arianos, numerosos na Sociedade e com funções de responsabilidade, não sejam afastados. E Ciraci nos mostra como Zint, nesta primeira fase, sabiamente consegue agir com destreza entre as pressões e as intimidações do governo e do partido e as ingerências da ala divisionista antisemita, de maneira a evitar qualquer tipo de depuração.

Mas a luta pela autonomia da Sociedade Schopenhauer e a sua independência em relação ao partido nazista estão só no início. Após a demissão de Zint, em 1936, será o novo presidente da Sociedade Schopenhauer, Arthur Hübscher, estudioso de incontestável grandeza, que contribuirá de maneira decisiva com a pesquisa schopenhaueriana enfrentando aquele período difícil. Com as leis raciais de Nuremberg, a Sociedade Schopenhauer também era obrigada a introduzir no próprio estatuto o famigerado «parágrafo ariano», que decretava a expulsão e perseguição dos sócios judeus. Baseando-se nos documentos até hoje praticamente desconhecidos e trazidos à luz graças a Ciraci, vê-se como Hübscher adota uma linha de conduta muito diferente da de Zint: ele se filia ao partido nazista, colabora com o emissário do partido dentro da sociedade e, através de aposentadorias mais ou menos voluntárias e demissões mais ou menos espontâneas, realiza uma espécie de depuração silenciosa, sem jamais adotar o «parágrafo ariano». Durante a presidência de Hübscher, em 1938, comemoram-se os 150 anos do nascimento de Schopenhauer, que serão celebrados em Gdańsk com um discurso do Reichsleiter Alfred Rosenberg, o qual exaltará Schopenhauer como o teórico do antissemitismo. Na sua reconstrução oficial dos fatos, Hübscher contará que a Sociedade Schopenhauer tinha sido envolvida à sua revelia e a contragosto naquele evento que, segundo as expectativas da alta hierarquia do partido, teria marcado a nazificação de Schopenhauer. Ciraci demonstra, ao contrário, que não só Hübscher e alguns de seus colaboradores tinham se engenhado para conseguir a participação de Rosenberg, mas também que esperavam obter algumas vantagens materiais: a realização de um museu Schopenhauer e a instituição de uma cátedra

universitária dedicada à doutrina do filósofo do *Mundo*. Em relação a este ponto, Ciraci reconstrói também a conturbada história do museu Schopenhauer em Frankfurt: a casa, na rua Schöne Aussicht, onde Schopenhauer morrera, então habitada por um comerciante de origem judaica, é devastada durante a tristemente célebre “noite dos cristais”. O proprietário decide então vendê-la à municipalidade que, visto a «afortunada ocasião», procede com a compra e financia a realização do museu. Todavia, o museu Schopenhauer, apesar de ficar pronto, nunca será inaugurado, inclusive porque o edifício será destruído durante os bombardeios do dia 22 de Março de 1944, que praticamente arrasaram a cidade de Frankfurt.

A conduta ambígua e permeada por pactos pouco claros e zonas de sombra de Hübscher lhe permite, porém, salvaguardar a pesquisa científica e a sua autonomia, como demonstra a nova edição crítica das obras de Schopenhauer, organizada pelo próprio Hübscher a partir da primeira, obra de Julius Frauenstädt, que “vê a luz” entre 1937 e 1941, e que, a despeito do antissemitismo de Estado, incluía no frontispício o nome do arce-evangelista Frauenstädt, que era de família judia. Mas, sobretudo, a *Schopenhauer-Gesellschaft* será a única instituição cultural alemã que jamais adotará o «parágrafo ariano»; e isso, durante o período pós-bélico, permitirá que o seu presidente seja inocentado em relação às acusações de colaboracionismo com o regime, conforme Ciraci reconstrói com precisão a partir dos atos processuais para a desnazificação de Hübscher. Por isso, a partir de 1948 a Sociedade Schopenhauer poderá retomar suas próprias atividades culturais, abrindo-se, no novo clima cultural, a novas perspectivas e a novas colaborações, como aquelas de Martin Buber e de Max Horkheimer.

O trabalho de Fabio Ciraci não é um livro tendencioso e é por esse motivo que ele deixa propositalmente abertas as conclusões, entregues ao leitor. Todavia, se quiséssemos fazer um balanço da luta por Schopenhauer na Alemanha dos anos vinte, trinta e quarenta do século passado, poderíamos concluir que a *Schopenhauer-Gesellschaft*, apesar das ambiguidades e compromissos, justificados parcialmente pela rigidez do período, conseguiu defender o espírito da pesquisa filosófica pura que inspirara os seus fundadores, salvaguardar os próprios limites de independência e autonomia e evitar a nazificação de Schopenhauer. Tudo isso aparece claramente quando comparamos a conduta da *Schopenhauer-Gesellschaft* com a de uma outra instituição cultural gêmea: o Arquivo

Nietzsche e a Sociedade dos amigos do arquivo Nietzsche de Weimar. De fato, como veio à tona a partir do estudo dos documentos do ex-Arquivo Nietzsche, a irmã do filósofo de Zarathustra, Elisabeth Förster-Nietzsche, não titubeou em vender por uma bagatela as ideias de Nietzsche, primeiro para Mussolini e depois para Hitler, em troca de financiamentos que podem ser demonstrados. Foi ela mesma, depois, que se empenhou como intermediária para que o *Duce* do fascismo e o candidato nacional-socialista para presidente pudessem se encontrar em Weimar, em 1932. O histórico encontro, porém, se deu só dois anos depois, em Veneza, e a Förster-Nietzsche o saudou com um telegrama infelizmente famoso: «As mãos de Friedrich Nietzsche velam sobre o colóquio dos dois maiores estadistas da Europa». Hitler visitou inúmeras vezes o Arquivo Nietzsche, participou pessoalmente do funeral de Elisabeth Förster-Nietzsche, em novembro de 1935, e financiou o mausoléu em honra a Nietzsche, inaugurado em Weimar no dia 3 de Agosto de 1938. Na lápide colocada no pórtico, que foi removida e hoje não existe mais, estava escrito: «Em memória de Friedrich Nietzsche. Erguido sob Adolf Hitler no VI ano do Terceiro Reich». Para tal ocasião, Mussolini enviou da Itália uma estátua da época romana que representava Dionísio para ser colocada na abside do monumento. Era um acontecimento altamente simbólico, com o qual a fascistização e a nazificação de Nietzsche podiam ser consideradas completas. Seriam necessários os trinta anos de trabalho de Giorgio Colli e de Mazzino Montinari para livrarem o filósofo de Zarathustra de tais pesadas hipotecas ideológicas.

Como a pesquisa de Fabio Ciracì desvela, nada de tudo isso se dá no caso de Schopenhauer e da sociedade científica que leva o seu nome. E é por esse motivo que, enquanto o Arquivo Nietzsche, considerado um antro de nazistas, foi fechado pelos aliados quando entraram em Weimar, a *Schopenhauer-Gesellschaft* superou, apesar dos consideráveis obstáculos, os anos da ditadura, da guerra e da catástrofe da Alemanha e, hoje, pode comemorar os seus cem anos de vida e de atividade científica.

Referências

CIRACÌ, Fabio. *In lotta per Schopenhauer. La «Schopenhauer-Gesellschaft» fra ricerca filosofica e manipolazione ideologica (1911-1948)*. Lecce: Pensa Multimedia, 2010.

Recebido: 21/10/11

Received: 10/21/11

Aprovado: 06/01/12

Approved: 01/06/12